



A POLÍTICA E OS AFETOS, SEGUNDO SPINOZA: A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO

POLITICS AND AFFECTIONS, ACCORDING TO SPINOZA: THE POLITICAL EXPRESSION OF THE MASS AND THE CROWD

Amaury Antonio Meller Filho¹, Junior Luiz Ferreira da Cunha²

Submetido em: 15/04/2021

e24222

Aprovado em: 05/05/2021

RESUMO

Versa-se na presente pesquisa sobre a concepção de Spinoza acerca do papel dos afetos na política. A problemática posta em análise é a expressão política da massa e da multidão; no primeiro caso, os indivíduos que a compõem são guiados somente pelos afetos, já os indivíduos que constituem a multidão empregam a razão como um meio de conhecer as causas dos afetos e, assim, evitam os que podem levar a perda de potência (*conatus*), princípio elementar para conservação da própria existência individual, da existência da multidão e, ainda, para agir politicamente. Inicia-se a pesquisa com uma exposição da natureza particular dos indivíduos; na sequência, coloca-se em foco a expressão política da massa e da multidão e, por fim, mostra-se a relação da multidão com o Estado Civil, segundo o concebia Spinoza. Como saldo, evidencia-se que os afetos não estão acima ou abaixo da razão, mas, antes, a razão e os afetos devem ser complementares para que o ordenamento político intensifique as potencialidades individuais.

PALAVRAS-CHAVE: Expressão política. Massa e Multidão. Conatus.

ABSTRACT

*This research deals with Spinoza's conception about the role of affects in politics. The problem under analysis is the political expression of the mass and the crowd; in the first case, the individuals that compose it are guided only by the affects, whereas the individuals that make up the crowd use reason as a means of knowing the causes of the affects and, thus, avoid those that can lead to the loss of potency (*conatus*), elementary principle for the conservation of one's own existence, the existence of the crowd and, still, to act politically. Research begins with an exposition of the particular nature of individuals; in the sequence, the political expression of the mass and the crowd is brought into focus and, finally, the relationship of the crowd with the Civil State is shown, according to Spinoza's conception. As a balance, it is evident that the affections are not above or below reason, but, rather, reason and affections must be complementary for the political order to intensify individual potentialities.*

KEYWORDS: Political expression. Mass and Crowd. Conatus.

¹ Engenheiro Civil, Especialista em Gestão Educacional, Mestre em Gestão do Conhecimento nas Organizações. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1376-1346>.

² Aluno regular do Mestrado em Filosofia do PPGFil UNIOESTE (Bolsista CAPES), Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2069-1924>.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A POLÍTICA E OS AFETOS, SEGUNDO SPINOZA: A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO
Amaury Antonio Meller Filho, Junior Luiz Ferreira da Cunha

1 INTRODUÇÃO

Com base no pensamento de Spinoza (1632-1677), pode-se afirmar que os indivíduos agem de forma determinada buscando a autoconservação: é da natureza de todos esforçarem-se para preservarem o seu ser. Há aqueles que agem sob maior domínio da razão e, em maior número, os que agem sob efeito dos afetos. O maior número de indivíduos conduzidos pelos afetos se explica pelo fato de todos os indivíduos serem mais inclinados a estes do que à razão. Em sua *Ética* (2019), Spinoza salienta que se os indivíduos pudessem optar entre serem conduzidos por sua razão ou pelos afetos, não há dúvida que escolheriam seguir sempre a razão. A natureza particular dos indivíduos, no entanto, não lhes confere a possibilidade de escolha. É da natureza dos indivíduos estarem inclinados em maior medida aos afetos do que a razão.

Embora os indivíduos tenham maior propensão de serem conduzidos pelos afetos, de modo que a razão exerça papel secundário nas ações dos indivíduos, Spinoza, em sua filosofia, não coloca os afetos e a razão em oposição, mas, sim, como expressões da natureza particular dos indivíduos. O que distingue os indivíduos conduzidos pela razão dos indivíduos conduzidos pelos afetos, é que aqueles agem ativamente e estes passivamente. Agir ativamente significa ser ou conhecer a causa dos afetos que atingem o corpo ou a mente e, assim, com o uso da razão, evitar que os efeitos provoquem a diminuição do *conatus*, isto é – mas não só –, o esforço individual de continuar existindo.

A problemática posta em foco no presente estudo está inserida neste contexto, colocamos em análise os afetos e sua relação com a política, a partir da perspectiva de Spinoza. Trataremos dos afetos como meios de opressão das massas e, também, como ferramenta de imanência da multidão. Para tanto, faz-se uma exposição sumária da natureza particular dos indivíduos e, na sequência, volta-se o foco sobre a expressão política da massa e da multidão. Ao final, mostraremos a relação da multidão com o Estado Civil, segundo o concebida Spinoza e procura-se evidenciar que afetos não estão acima ou abaixo da razão, mas, antes, a razão e os afetos devem ser complementares para que o ordenamento político intensifique as potencialidades individuais.

2 A NATUREZA PARTICULAR DOS INDIVÍDUOS

A filosofia de Descartes (1596-1650) era amplamente difundida pela Europa quando Spinoza dá início aos seus escritos filosóficos. Um dos principais assuntos em voga sobre a filosofia de Descartes era sua proposição de o mundo ser constituído por duas substâncias (*res extensa* e *res cogitans*). Spinoza, por sua vez, propõe que o mundo e tudo o que nele há é a expressão de uma única substância: infinita e que se expressa em infinitos atributos que são a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A POLÍTICA E OS AFETOS, SEGUNDO SPINOZA: A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO
Amaury Antonio Meller Filho, Junior Luiz Ferreira da Cunha

causa de infinitos modos finitos (tudo o que há no mundo). Pode-se dizer que a perspectiva de Spinoza funda um plano de imanência em que tudo imana da substância, tudo é causado por ela e está contido nela mesma.

Dentre os infinitos atributos em que a substância se expressa, os indivíduos têm acesso a apenas dois: o pensamento e a extensão. Cada um dos atributos da substância exprime sua realidade, sua existência infinita. No caso do atributo pensamento, a realidade da substância é expressa na forma de ideias; e quanto ao atributo extensão, em forma de corpos extensos. O pensamento e a extensão, portanto, expressam, como que em dois planos simultâneos, a realidade da substância. Sem nunca se sobreporem ou se entrecruzarem, o pensamento e a extensão ao expressarem a realidade mesma da substância única e infinita, causam um encadeamento único de causas em que tudo é um efeito necessário de sua causa. Segue-se daí o que se pode chamar de paralelismo na filosofia spinozana.

Os indivíduos também estão enquadrados no paralelismo spinozano, são modos do pensamento e da extensão; ou, dito de outra forma, são agregados de mente e corpo que se correspondem paralela e simultaneamente, de modo que um não pode existir sem o outro. Dado a relação de paralelismo da mente e do corpo não há necessidade de um terceiro elemento para conectá-los, assim como nenhum dos modos se sobrepõe sobre o outro. Mente e corpo são modos de dois atributos diferentes, mas que expressam simultaneamente a realidade da substância, segundo Spinoza (2019, p. 55):

[...] tudo o que pode ser percebido por um intelecto infinito como constituindo a essência de uma substância pertence a uma única substância apenas e, conseqüentemente, a substância pensante e a substância extensa são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob o outro. Assim, também um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras.

A mente e o corpo, como expressões dos atributos pensamento e extensão, são constantemente afetados por tudo mais que há no mundo, uma vez que tudo que os indivíduos conhecem são também modos de um ou dos dois únicos atributos que possuem acesso. Segue-se que a constituição da mente e do corpo dos indivíduos está diretamente ligada com as relações que os indivíduos estabelecem com seu exterior, isto é, com os corpos extensos e ideias que não lhe são próprios. Os indivíduos, portanto, de forma alguma estão livres dos afetos provenientes das relações com que lhes cercam. Ser afetado é uma necessidade da natureza particular dos indivíduos.

A mente e o corpo, cabe mencionar, não são entes isolados que entram em relação com o que lhes cercam, muito pelo contrário, estão necessária e essencialmente em relação com outros entes. O próprio corpo e a mente em si, são agregados de corpos menores e ideias singulares que se relacionam de forma ininterrupta enquanto o indivíduo conservar sua existência. Logo, os indivíduos também estão sujeitos aos afetos que surgem de sua própria interioridade, isto é, da



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A POLÍTICA E OS AFETOS, SEGUNDO SPINOZA: A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO
Amaury Antonio Meller Filho, Junior Luiz Ferreira da Cunha

relação entre as partes que constituem seu corpo e as ideias que formam sua mente. Assim, o *conatus*, o esforço natural de preservação da existência, se manifesta na capacidade do indivíduo de conservar-se diante das relações internas e, assim como, das relações externas.

É a partir dos afetos que o *conatus* de cada indivíduo é determinado. Os afetos resultantes das relações entre as partes que constituem o corpo e das ideias que formam a mente são na mesma medida fontes de aumento ou diminuição de potência que os afetos provenientes das relações externas. Segue-se que os indivíduos mais potentes são os que estabelecem o maior número possível de relações internas e externas que resultem em afetos que não lhes diminuam sua potência. Quanto maior a potência, maior a capacidade de esforçar-se para conservação da existência. Os indivíduos que melhor conservam-se existindo são os que agem ativamente, isto é, os que conhecem ou são as causas dos afetos que lhes atingem e evitam a diminuição de sua potência.

Ocorre que a expressão política dos indivíduos está intrinsecamente ligada ao *conatus*. A potência de agir dos indivíduos se ligam e estes dão forma a uma massa, que é facilmente manipulável, ou a uma multidão, um organismo que concentra em si mesmo a potência para ações políticas. Segue-se daí a importância dos afetos, pois são estes que influem diretamente na potência de agir dos indivíduos. Uma sociedade composta por indivíduos que agem ativamente, isto é, que conheçam ou são eles mesmos as causas de seus afetos, possui também maior potência para conservar-se existindo.

3 OS AFETOS E A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO

Como já mencionado, o *conatus* não se limita ao esforço demandado pelos indivíduos para preservarem sua existência. *Conatus* é, também, o princípio elementar da natureza particular dos indivíduos de empenharem-se em, sempre que possível, aumentarem sua potência de agir; e, simultaneamente, evitar a perda de potência. A busca dos indivíduos pelo aumento de potência, assim como evitar sua perda, são, portanto, em si mesmas ações ativas. Implica dizer que a natureza particular dos indivíduos necessariamente os leve a buscar relações cujo os afetos proporcionem o aumento de potência ou que não provoque a sua perda. Segundo Bittencourt (2009, p. 107):

O aumento da nossa potência de agir se origina diretamente da ocorrência de um bom encontro, que decorre, por sua vez, da nossa capacidade de, mediante a compreensão do fluxo de afetos que são gerados através das impressões das causas externas, utilizarmos essa relação como suporte para a ampliação do sentimento de alegria em nosso ânimo, posto esse afeto se transformou em causa ativa, da qual temos pleno domínio.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A POLÍTICA E OS AFETOS, SEGUNDO SPINOZA: A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO
Amaury Antonio Meller Filho, Junior Luiz Ferreira da Cunha

A compreensão do fluxo de afetos mencionada por Bittencourt está intimamente ligada com o conhecimento das causas que provocam os afetos, isto é, com o emprego da razão como um farol a guiar os indivíduos a relações que viabilize o aumento de potência ou que não resulte em sua perda. Indivíduos guiados pela razão buscam relações que lhes são úteis (SPINOZA, 2019). Útil, nesse contexto, deve ser entendido como tudo aquilo que proporciona a conservação da própria existência. Cabe-nos, então, indagar o que é útil aos indivíduos para que estes, ao expressarem-se politicamente, conservem sua existência e, ato contínuo, aumentem sua potência de agir?

No que concerne à expressão política dos indivíduos, Spinoza alude à duas formas em que os indivíduos se agrupam para expressarem-se politicamente: em massa ou em multidão. Quando os indivíduos se organizam em massa, alienam-se de suas próprias potências e assumem uma configuração desarticulada. Por outro lado, quando os indivíduos dão forma à uma multidão, concentram suas potências individuais e, assim, faz-se possível movimentos de modificação da sociedade em que estão inseridos.

A massa se constitui a partir do agrupamento de indivíduos que deixam-se guiar, prioritariamente, pelos afetos. E, assim como os indivíduos particulares, que deixam-se conduzir pelos afetos, submetem sua potência de agir a causas que lhes são externas e desconhecidas, a massa também tem sua potência de agir, isto é, de irromper movimentos ou ações políticas, submetida a causas que lhes são externas. Ora, quais são as causas externas a massa? Governos e/ou líderes políticos que se valem da força dos afetos para sobrepujarem a massa. De acordo com Bittencourt (2009, p. 109-110):

A massa humana permanece no estado de dependência e de passividade diante do poder instituído, em decorrência de sua incapacidade de se mobilizar enquanto corpo político para contestar a arbitrariedade dos detentores dos meios normativos da ordem social. A massa não é capaz de adquirir o estatuto de sujeito político, pois ela é socialmente desmobilizada e desprovida de um eixo axiológico potente que lhe permita transformar a ordem estabelecida.

A baixa potência de agir dos indivíduos que compõem a massa, ou em outras palavras, seus reduzidos esforços para conservarem-se existindo, se reflete na sociedade em que estão inseridos. Segue-se que uma sociedade formada por uma massa tende a, continuamente, perder sua potência e, assim, esfacelar-se. Por outro lado, uma sociedade formada por uma multidão tende a, continuamente, aumentar sua potência e, assim, preservar-se existindo, isso, pois, segundo Spinoza (2009, p. 85), “a multidão pode conservar sob um rei uma liberdade bastante ampla, desde que consiga que a potência do rei seja determinada somente pela potência da mesma multidão e mantida sob a guarda desta”.

A multidão, por sua vez é composta por indivíduos que, prioritariamente, guiam-se pela razão. Segue-se que, assim como os indivíduos que são ou conhecem as causas do que lhes afetam e, dessa forma, podem priorizar as relações que aumentam sua potência de agir, a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A POLÍTICA E OS AFETOS, SEGUNDO SPINOZA: A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO
Amaury Antonio Meller Filho, Junior Luiz Ferreira da Cunha

multidão é capaz de mobilizar-se em oposição aos afetos externos e que resultariam em sua diminuição de potência por meio da razão. Ao contrário da massa, que está sujeita ao domínio e ao esfacelamento da sociedade da qual fazem parte, a multidão é em si mesma um corpo político que se governa, ou seja, é ou conhece as causas dos afetos que lhe proporciona o aumento de potência, assim como evita relações externas que provoque afetos que leve a perda de potência. Como resposta a questão colocada acima, podemos dizer que o que é útil aos indivíduos é o que lhes aumenta sua potência de agir. O mesmo se aplica para a multidão. É útil, portanto, tanto aos indivíduos como a multidão guiarem-se, prioritariamente, pela razão.

4 A MULTIDÃO E O ESTADO CIVIL

Como já mencionado, a multidão concentra sua potência de agir em si mesma. No entanto, cabe ressaltar que a realidade social da multidão não é constituir uma unidade, e sim uma multiplicidade, a potência da multidão é em si mesma múltipla. Para Spinoza, o estado civil é resultado da própria natureza particular dos indivíduos. O estado civil, portanto, é uma continuidade do estado de natureza estabelecido pela potência comum da multidão.

O estado natural é um estado pré-político, ainda sem leis, anterior ao poder comum e nele está contida a particularidade dos indivíduos. Nesse estado, os indivíduos são guiados pela individualidade, cada um com suas próprias concepções, suas leis individuais, tendo como base o *conatus* e na busca pela conservação de sua existência, o indivíduo tem direito a tudo que pode proporcionar seu aumento de potência, pois o único limite encontrado pelo direito é a potência, enquanto houver potência haverá direito.

O estado civil, assim como o estado natural, se define pela potência de agir dos indivíduos, sua força interna própria de sua natureza. No estado civil garante-se o exercício do direito natural, que é o *conatus*, a potência de existir. Os indivíduos da multidão são como partes de um corpo maior, são necessários todos juntos, constituídos de uma multiplicidade. O Estado, portanto, é resultado da soma das potências individuais em vistas de um direito comum: o direito da multidão.

Os indivíduos têm mais poder juntos que separados, pois constituem “uma potência mais potente”. Assim, quanto mais os indivíduos se unem tanto maior os seus direitos. O *conatus* só se realiza plenamente no estado civil, assegurando o direito natural, efetivando a natureza particular dos indivíduos. Cabe mencionar que não se pode transferir esse direito natural, essa potência, daí a impossibilidade de um contrato social que autorizaria a representação da multidão por algo externo a ela.

As potências individuais no estado civil não se anulam em vista de uma nova unidade, elas se identificam com a potência da multidão. O governante, por sua vez, não detém uma soberania; ela é sempre da multidão. O Estado para Spinoza não é uma unidade artificial, o poder



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A POLÍTICA E OS AFETOS, SEGUNDO SPINOZA: A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO
Amaury Antonio Meller Filho, Junior Luiz Ferreira da Cunha

político é o direito natural comum ou coletivo. O governante irá apenas exercer o governo, mas o poder de governar em sua plenitude é sempre da multidão. Reconhece-se, desta forma, uma política imanente e eminentemente afetiva.

O corpo dos indivíduos, nesse sentido, é constituído de uma multiplicidade de outros corpos que também são compostos de infinitos outros corpos. Portanto, a multidão é mais do que um múltiplo de indivíduos, revela em si mesma a multiplicidade que compõe o real, isto pois, “se a multidão se define por sua natureza múltipla, pode-se deduzir que o princípio multitudinário é constitutivo de todos os corpos existentes na natureza, afinal nenhum corpo está só” (GUIMARAENS 2006, p. 159). Segundo Negri (2003, p. 17):

[...] quando olhamos os corpos, percebemos que não estamos apenas diante de uma multidão de corpos, mas compreendemos que cada corpo é uma multidão. Cruzando-se na multidão, cruzando multidão com multidão os corpos se misturam, se tornam mestiços, se hibridizam, se transformam, são como as ondas do mar, em perene movimento e em perene e recíproca transformação.

A partir daí, pode-se dizer que a multidão é uma imanência da potência de agir contida em si mesma. E é do agir multifacetado da multidão que se confere significado a realidade, ou seja, a realidade não impõe sentido ao agir da multidão, mas sim esta, em seus movimentos e ações políticas resultantes de sua de potência, que é si mesma (trans) formadora, cria-se um corpo político.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto acima, na filosofia de Spinoza os afetos possuem um papel central no que concerne a organização política dos indivíduos. Os afetos, no entanto, não estão acima ou abaixo da razão, mas, antes, a razão e os afetos devem ser complementares para que o ordenamento político intensifique as potencialidades individuais. A natureza particular dos indivíduos não lhes permite que sejam guiados apenas pela razão; todos os indivíduos, necessariamente, são afetados pelas relações que travam com o mundo exterior e também com seu interior, segue-se daí o papel da razão.

Quando os indivíduos não fazem uso da razão colocam-se inteiramente à submissão dos afetos e, com isso, podem sucumbir aos seus afetos, cujos os quais desconhecem as causas, ou, ainda pior, serem facilmente manipulados por terceiros; ambos os casos oferecem perigo ao contexto político social cujo o indivíduo que ignora o papel da razão faz parte.

Pode-se exemplificar os efeitos nocivos da massa para a sociedade ao se analisar grupos que defendem posições que fazem de preconceitos uma bandeira a ser defendida, por exemplo, grupos que defendem a segregação entre negros e brancos. As relações que provocam os afetos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A POLÍTICA E OS AFETOS, SEGUNDO SPINOZA: A EXPRESSÃO POLÍTICA DA MASSA E DA MULTIDÃO
Amaury Antonio Meller Filho, Junior Luiz Ferreira da Cunha

que levam a sensação de incômodo com o “outro” ou com o “diferente”, inegavelmente não decorrem do uso da razão.

Indivíduos que não toleram o “outro” ou a “diferença” estão submersos em afetos, que surgem de suas relações internas ou externas, sem se darem conta que ao fazerem uso da razão perceberiam que o incômodo reside em si e não no “outro”. Em outras palavras, o não conhecimento da causa do afeto que provoca a sensação de incomodo com o “outro” ou com a “diferença”, leva indivíduos a defenderem posições preconceituosas como a segregação de negos e brancos.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Renato Nunes. Espinosa e a crítica da política dos afetos tristes. *In.*: **Achegas**, n. 41, 2009. Disponível em: achegas.net/anteriores.html. Acesso em: 22 set. 2020.

GUIMARAENS, Francisco de. Spinoza e o conceito de multidão: reflexões acerca do sujeito constituinte. *In.*: **Direito, Estado e Sociedade**, v. 9, n. 29, 2006.

NEGRI, Antonio. Por uma definição ontológica de multidão. *In.*: **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Político**. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.